

## CAETANO VELOSO

### Loura burra

Luiz Felipe de Alencastro respondeu aos que se opõem às cotas para negros nas universidades com um retrato duro do Brasil. É o Brasil que no seu livro "O trato dos viventes" aparece como a mais rapace das nações escravistas das Américas. Não é apenas a nossa dívida histórica que se agiganta: são as iniquidades com que convivemos hoje que têm sua genealogia exposta. Alguns argumentos, no entanto, ele poderia ter evitado. "Os Estados Unidos foram a primeira democracia do mundo", disse Alencastro. Sim. Mas os antirracistas veem o sistema de cotas como um desdobramento da regra da gota única de "sangue negro" para definir um indivíduo como "negro" — e tal regra não está entre as glórias da grande nação do norte. O segregacionismo desmentia o ideal iluminista de universalidade de direitos. O repúdio dos antirracistas à unificação de pretos e pardos sob a categoria "negros" por ser imitação do modelo americano não pode ser desqualificado pela constatação de que mesmo o STF brasileiro nasceu sob inspiração dos Estados Unidos. A pergunta é: o sistema de cotas é um gesto democrático similar à criação da Corte Suprema ou um estratagem para reafirmar as classificações raciais de que dependeu a segregação?

O livro de Demétrio Magnoli "Uma gota de sangue" não pode ser descartado por argumentos de autoridade. Nada justifica o linchamento que ele sofreu em blogs do lulopetismo histórico. Seria preciso provar — entre outras coisas — que em 1840 o rei do Daomé não declarou que "o tráfico de escravos tem sido a fonte da nossa glória e riqueza". "Uma gota de sangue" é sobretudo um livro contra o multiculturalismo. E procura reafirmar a mestiçagem brasileira como uma saída mais compatível com os direitos universais do que os projetos de igualdade entre grupos étnicos tomados como nações dentro dos Estados. Além de localizar no romantismo de Herder o nascedouro do particularismo cultural que deu no multiculturalismo, apresenta vasta informação sobre a História do pensamento racial. Não vejo razão para anatemizar um livro tão útil, que eu desejaria ver conhecido dos meus amigos dos movimentos negros.

Comentaristas pró-cotas exultam quando Alencastro diz que Ali Kamel não é autoridade em estatística. Há quem não aceite que o Brasil não se sinta branco e reaja à visão que levou as políticas de imigração americana a distinguirem entre nórdicos e mediterrâneos.

Mas o artigo de Elio Gaspari que exhibe números resultantes da combinação de cotas com o ProUni não deveria deixar os antirracistas insensíveis. Também a entrevista de Luís Eduardo Soares a Celso Athayde (<http://www.celsoathayde.com.br/2010/in.php?id=porradado>) é indispensável. Quando se pensa que Soares chegou a ser uma espécie de ministro da Segurança Pública, as palavras de Alencastro sobre a gênese da crueldade policial contra negros no Brasil surgem sob as luzes de quem poderia começar a debelá-la. Mas Soares não ficou no governo. O pensamento que o afastou de lá é o que domina as opiniões que se leem nos blogs lulistas.

Lévi-Strauss deplora a escalada de que o ocidente se orgulha: mares poluídos, cidades inchadas, o planeta doente. Também execra o "eu". Depois traz a tese de que uma cultura precisa contrastar-se com outras: a unificação do mundo seria o caminho para a autodestruição. É

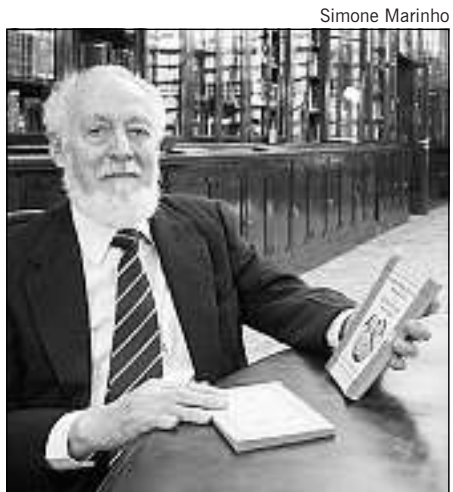
uma sabedoria científica lá dele que não posso contestar. No momento, estou com o "Samba dos animais" de Mautner (ouçam, não explicam: dizem que este espaço é grande, para mim é sempre pequeno). Lévi-Strauss terminou dizendo que tinha defendido várias culturas mas que agora era hora de defendermos (nós quem, cara-pálida?) a cultura europeia. Os pós-estruturalistas não deixaram de manter um ambiente propício ao multiculturalismo.

José Miguel Wisnik diz, em "Veneno remédio", que, com Oswald e Freyre, o tropicalismo defendia a mestiçagem. Mas o tropicalismo foi racista. Conto em "Verdade tropical" como me eram insatisfatórias as políticas que, presas ao internacionalismo da luta de classes, emudeciam sobre raça, sexo e gênero. E

como vi o tema racial surgir em Gil. O Jorge Ben do nacionalismo negro é o núcleo da ideologia racial a que Gil aderiu. Hoje Gil é favorável às cotas. O "Viva a mulata-ta-ta-ta" de "Tropicália" é ironia amarga contra o oba-oba brasileiro quanto à questão racial. No exílio é que comecei a rever essa posição. Mesmo assim, na volta ao Brasil aproximei-me dos movimentos negros. Meus diálogos com Celso Prudente em Sam-pa datam da infância do MNU.

A mestiçagem brasileira não precisa ser o céu na Terra para ser levada em conta. Não conheço Magnoli. Conheço Alencastro. O primeiro é meio Carlos Imperial; o segundo, um príncipe (mas agora o cabelo pintado e o sotaque francês...). Magnoli agarrar-se ao genoma é ingênuo. Não está descartada a hipótese de se comprovarem diferenças de inteligência entre grupos humanos (não foi por desafeto que outro dia citei o Francis do retorno da eugenia: sou barroco; fique esperto quanto a minhas impertinências). Os liberais se sentem preparados para enfrentar uma tal eventualidade. Caso a nova biologia mostre que as louras são menos inteligentes do que os morenos, a resposta liberal tem minha adesão: individualismo. E médias de grupo não podem se sobrepor a isso. Se a falta de coesão dos meus textos se deve ao meu lado negro ou ao meu lado mulher, dane-se, eu sou eu e nicuri é o diabo.

## Marcha dos pinguins • Continuação da página 1



Simone Marinho



Todo mundo que lê literatura inglesa lê os livros da Penguin. Nos anos 50, eu ia comprá-los na livraria Freitas Bastos, no Largo da Carioca

Alberto da Costa e Silva, historiador

A história da criação da Penguin é uma das mais conhecidas do mercado editorial, o equivalente no mundo dos livros à maçã caindo na cabeça de Newton ou à água transbordando da banheira de Arquimedes: numa tarde de 1934, o editor inglês Allen Lane voltava de uma visita à escritora Agatha Christie quando seu trem fez uma parada na estação de Exeter. Em busca de alguma coisa para ler, ele encontrou à venda apenas revistas populares e edições vagabundas de clássicos vitorianos. Dessa falta de opções, diz a lenda, veio o momento-“eureka” de Lane. Criada meses depois, em 1935, a Penguin Books mudaria para sempre o mercado de livros

populares, trazendo obras de autores contemporâneos a preços baixos, com paginação e qualidade editorial superiores às dos concorrentes. Durante a Segunda Guerra, os livros da Penguin, pequenos e fáceis de carregar, eram populares com os soldados, e logo a empresa expandiria seu catálogo, incluindo clássicos.

Embora diga-se que Lane tirou muitas de suas ideias da alemã Albatross Books, criada em 1932, foi a Penguin que se tornou sinônimo mundial de livros baratos de qualidade. O historiador Alberto da Costa e Silva — que organizou para a Penguin-Companhia o volume “Jorge Amado: Essencial”, a ser lançado em outubro — lembra que já nos anos 50 os livros da editora chegavam ao Brasil mais ba-



O livro trata de modo aparentemente pouco pretensioso de grandes temas: a mudança de uma época e a ruptura de paradigmas de interpretação. Não foi por acaso, portanto, que ‘O príncipe’ se tornou um marco. Ele exemplifica, de certa maneira, a díade famosa da *virtù* e da fortuna. Maquiavel, não tendo alcançado a relevância política que almejava, teve a sorte de viver em uma época de forte transição — a passagem do século XV ao XVI, do fortalecimento de estruturas governamentais pós-Idade Média — e lançou um olhar novo sobre a política. Se não dispunha de uma das condições que prognostica como chaves do êxito político, pois não teve a fortuna de provir das grandes famílias da época nem dispor de recursos materiais ou bélicos para alcançar o poder, teve a audácia intelectual de romper paradigmas de interpretação — agiu nesse sentido como um leão

Trecho do prefácio de Fernando Henrique Cardoso para “O príncipe”, de Maquiavel



(Os livros da série ‘The Penguin Book of...’) são fundamentais para um leitor interessado na literatura feita fora do eixo Europa-EUA

Alberto Mussa, escritor

ratos do que os editados aqui, apesar dos custos de importação.

— Todo mundo que lê literatura inglesa lê os livros da Penguin — diz. — Eu ia comprá-los na antiga livraria Freitas Bastos, no Largo da Carioca. Na época, eles custavam mais ou menos a mesma coisa que uma entrada de cinema.

Outro consumidor de longa data dos livros da Penguin e dono de uma biblioteca invejável, o escritor Alberto Mussa afirma que também para os interessados em outras literaturas além da inglesa a editora foi e é importante no Brasil.

— Já tive inúmeros e tenho ainda muitos livros da Penguin. Praticamente são todos da coleção Penguin Classics. A Penguin tem também uma linha chamada “The Penguin Book

of...”, podendo ser “african stories”, “indian stories” etc. Na falta de traduções brasileiras, são fundamentais para um leitor interessado na literatura feita fora do eixo Europa-EUA.

Em 2010, a Penguin completou 75 anos de existência. Para o CEO da empresa, John Makinson, os principais desafios para o futuro da companhia estão ligados ao mercado digital (*leia entrevista abaixo*). O que não impede que a Penguin-Companhia pague tributo ao passado da tradicional editora: todos os títulos de autores brasileiros lançados pelo selo vão recuperar o design original dos livros da Penguin, como se vê na capa de “O Brasil holandês”. A exceção são os da série “Essencial”, como o de Joaquim Nabuco, que seguem o padrão atual. ■



Teresa entrou em minha vida como boia de salvação em meio à turbulência de uma crise de fé, em 1965. (...) Graças a ela, compreendi que, ao mudar de lugar social, ocorrera em mim uma mudança de atitude teológica: a fé sociológica, forjada por influência familiar e escolar, cedia espaço a uma fé personalizada, centrada na relação amorosa. Em suma, Teresa me ensinou que Deus não se exilou no Céu; ao contrário, habita o coração humano

Trecho do prefácio de Frei Betto para “Livro da vida”, de Santa Teresa d’Ávila, que será publicado em setembro

## ‘O mercado digital vai redefinir a indústria editorial’

● Na próxima Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), o inglês John Makinson está escalado para conversar com o historiador americano Robert Darnton sobre o futuro dos livros na era digital. É um assunto que ele conhece bem: CEO da Penguin, Makinson está ele próprio participando da criação desse futuro, dirigindo os projetos de inovação da empresa. Casado e pai de dois filhos, Makinson é um ex-jornalista que trabalhou na agência de notícias Reuters e foi diretor do “Financial Times”. Recentemente, foi incluído pelo jornal inglês “The Guardian” entre as cem pessoas mais influentes da indústria de mídia no mundo. Por telefone, de Londres, ele conversou com O GLOBO.

**O GLOBO:** O senhor vai falar na Flip sobre o futuro dos livros. Aos 75 anos, o que a Penguin tem feito para se adaptar ao mercado digital?

**JOHN MAKINSON:** Estamos investindo em novos tipos de conteúdo para e-book e em aplicativos baseados em livros para o iPhone, por exemplo. Isso vai redefinir o que é a indústria editorial.

● Foi lançada em abril uma edição de “Alice no País das Maravilhas” para o iPad, com animações e conteúdo sensí-



Divulgação

O INGLÊS John Makinson: de olho no futuro

vel ao toque e movimento. Em sua opinião, esse tipo de edição se limitará a livros infantis e didáticos, ou se aplicará também a clássicos e ficção em geral? Essa é uma boa pergunta. De fato, começamos nos concentrando em livros infantis ilustrados e livros como guias de viagem e obras de referência, sobre o corpo humano, por exemplo. Agora estamos pensando em ficção narrativa e em como enriquecer obras de ficção e não ficção dessa forma. Pensando em clássicos, podemos adicionar informa-

ções, notas, artigos sobre costumes do período, vídeos com pesquisadores, trechos de outros romances do mesmo autor. Há muito que pode ser feito.

● Existe algo na experiência atual de leitura que deveria permanecer igual? Você pode enriquecer a experiência de leitura e deixar o livro em si intacto. Lendo um livro de Tolstói, por exemplo, você pode pensar em ficção narrativa e em como enriquecer obras de ficção e não ficção dessa forma. Pensando em clássicos, podemos adicionar informa-

● Mas não teria, por exemplo, cenas animadas de batalha em “Guerra e paz”? Não. Não no livro. Mas talvez possa fazer isso num aplicativo de “Guerra e paz”. O que não se pode fazer é mexer com o que Tolstói escreveu. Mas você pode pegar uma ideia e fazer um jogo digital a partir dela.

● Que percentagem do faturamento da Penguin vem hoje de vendas digitais? Em 2009, a percentagem mundial foi de 2%, mas nos Estados Unidos foi mais alta. Neste ano, a percentagem no mercado americano está chegando a 10%. É um crescimento veloz. (M.C.) ■

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Rodrigo Pinto, de Londres	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso
	Cristina Ruiz, de Berlim		Eduardo Levy, de Los Angeles			